



## 6º Domingo depois de Pentecostes – (26.06.05) Próprio 8

### 1ª leitura: Isaías 2.10-17

**1º comentário** - Isaías era um homem influente da classe alta. Foi um profeta vigoroso, portador de uma mensagem profética contundente. Ele atacou com veemência os males sociais de sua época, identificando o pecado social com apostasia.

Este oráculo do texto de hoje é um juízo contra a arrogância do homem. Isaías prevê o "Dia do Senhor" como um acerto de contas. Seu texto se veste de uma certa ironia: *"vão procurar esconderijo nas cavernas! Cavem buracos no chão a fim de escapar da ira de Deus, da glória majestosa do Senhor!"* 2:10.

A advertência do profeta nos lembra que Deus abomina a arrogância e prepotência humana. Não adianta nada confiar nas imagens esculpidas em ouro e prata – São deuses falsos! O Senhor Deus destruirá os orgulhosos e vaidosos, os que apóiam em torres altas em grandes embarcações e muralhas fortes. Para o profeta só se está seguro quem se apóia no Altíssimo. Só há segurança verdadeira no Deus de Jacó.

O caminho para a felicidade é a confiança e entrega total, incondicional a esse Deus. Os injustiçados podem ter esperança, pois haverá o juízo de Deus contra todos os orgulhosos da terra. Os exploradores e opressores receberão o rechaço de Deus. Quando Ele aparecer, *"os moradores da terra ficarão apavorados"* 2:21<sup>a</sup>

O texto nos ensina que não devemos confiar em nós mesmos e nem em falsas ilusões, não devemos colocar nossa esperança nos homens. Nossa esperança é o Senhor Deus, que caminha conosco nas trilhas da vida nos ensinando e guardando. É Nele que devemos depositar toda nossa fé e confiança! O versículo 23 encerra este pensamento com muita clareza: *'Não confiem mais nos seres humanos, pois são mortais; será que eles valem alguma coisa?'* (Rev. Haroldo Mendes)

### 2ª leitura: Romanos 6.3-11

A transferência do domínio do pecado e da morte para o domínio da novidade de vida na semelhança da morte e ressurreição de Jesus Cristo é expressa numa linguagem sacramental e escatológica. Somos mergulhados naquele que representa (é a cabeça da) a nova humanidade, de modo que, em união com o crucificado-ressurrecto, possamos andar, viver a vida da nova humanidade.

Assim a passagem é expressa em termos de libertação. O pecado é visto não como transgressão de indivíduos, mas como o domínio do pacto. Num relacionamento pactual, enquanto o pacto perdurar os membros estão obrigados ao domínio do mesmo.(vs. 2, 6). Cristo, pela sua ressurreição é quem constitui o pacto para vida e não está sob o domínio da morte, mas vive para Deus, (Vs. 9 -11).

Essa passagem é escatológica no sentido de que, definitivamente, morremos com Cristo e ressurgimos com Ele, porém a nossa ressurreição é futura. O importante é o andar, caminhar (metáfora bíblica do viver) como antecipação do que há de vir.



Então, a ênfase está em “vivos para Deus”, confiantes na promessa divina é o tempo de manifestar na vida uns com os outros andando com Deus. É o tempo da missão. O Espírito Santo é o penhor, o “aperitivo” que aguça a espera ativa da consumação de todas as coisas.

Como texto batismal o recorte de hoje sugere dar a nossa atenção para a aliança Batismal, onde, pela graça do mergulho em Cristo, trocamos o senhorio do pecado e da morte para o senhorio de Cristo para uma nova vida um com os outros e fazemos a aliança batismal, pela qual seguindo a Cristo O servimos em missão, (ver a aliança batismal, no Livro de Oração Comum). (*Dom Sumio Takastu*)

### **Santo Evangelho: Mateus 10.34-42**

Neste trecho encontramos a radicalidade da mensagem do reinado de Deus. Ali se reflete a situação da Igreja de Mateus. Ali era preciso tomar uma decisão radical entre a fé e a família. Aqui há certa influência da radicalidade apocalíptica: a quebra das estruturas familiares era considerada parte dos acontecimentos que precederiam ao fim. Mateus fez o uso dessa visão como o contexto para localizar os dizeres difíceis de Jesus. Já havia o uso de Miquéias 7.6 no judaísmo como o prenúncio dos tempos messiânicos.

É preciso entender que essa radicalidade está no contexto do encorajamento do discipulado numa situação muito difícil (10.16-23; 32-33). O amor e a liberdade que o Reino de Deus traz abalam as estruturas de vida com as quais as pessoas estão acostumadas e entram em conflito com os que resistem ao advento do Reino. O local em que ocorre esse conflito, no trecho de hoje, é a família. E isso chama a nossa atenção para o fato de que as fronteiras entre os que apóiam e os que se opõem passam, também, pela família. Isso é uma indicação, também, de que nenhuma instituição - mesmo a família - pode ser colocada acima de Deus. O primeiro mandamento diz: Não terás outros deuses diante de mim.

Há muitos relatos na história da Igreja, de pessoas que tiveram que romper com seus vínculos familiares por causa do Evangelho. Às vezes isso acontece até mesmo no interior de famílias já consideradas cristãs, sobretudo quando são famílias ricas, poderosas, preconceituosas e ainda não suficientemente esclarecidas pela luz do Evangelho. Isto não significa sacrificar ou destruir a família, mas reconhecer que o Evangelho pode trazer conflito familiar e colocar essa questão sob o prisma do amor doador de Cristo. Isso é carregar a Cruz dentro da própria família. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)